

# Gastão / ONDAS DO MAR DANÇAM NA MADEIRA

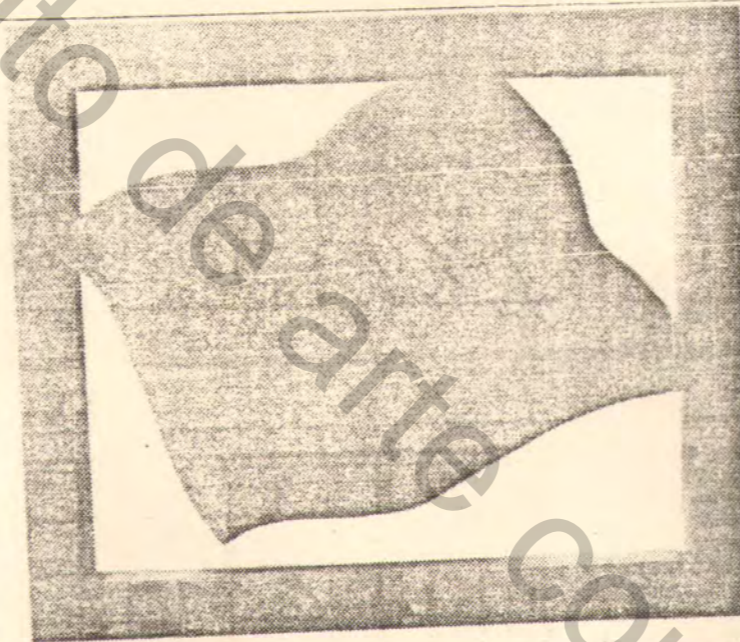
Aguinaldo Ramos

**G**ASTÃO Manoel Henrique foi um dos inúmeros artistas que abandonou a Escola de Belas-Artes quando o obrigaram a enfiar numa tela uma antiquada cigana óxida de um reluzente tacho de cobre. Isto era tão certo como o latim, o suspensório e a galocha. Com 50 anos, na ansiosa espera de ser avô, preocupado com a falta de dinheiro, que pertence à geração que subiu para o medo, Gastão apresenta 59 esculturas de vocabulário instrutivo, espalhadas em duas galerias, a Thomas Bohn e a Petite Galerie, localizadas na mesma rua de endereço: a Barão da Torre.

Gastão é um escultor tão bom, que cada vez que pôde recebe aplausos da crítica e, para o seu azar, sucesso comercial. Assim ocorreu quando mostrou, pela primeira vez, em 62, relevos em papelão e madeira, obras difíceis para o tradicional colecionador brasileiro, mas que fizeram imenso sucesso e foram logo vendidas. "Fiquei assustado", recorda.

E patinou na crise existencial, equilibrando-se no equilíbrio oscilante do argumento que se todos o estavam comparando, havia algo de errado, com ele ou com o público. Depois mergulhou na maré da depressão e passou uma boa parte do tempo sem fazer nada. Estava em uma espécie de neurose de Cézanne. Esta intranquila maneira de ficar com a cabeça cheia de dúvidas fazendo tudo que está fazendo está mais do que certo. Optou para uma outra exposição colhendo as vinhas da arte. Tentou fazer uma exposição radical, com o que se pode chamar no mercado de arte brasileira, de obras não vendáveis. Não deu certo. Foi um sucesso. Provavelmente, resolveu parar, seguindo para Brasília, onde deu aulas no Instituto de Arte e Arquitetura.

Em 1980, ele também estava irritado, mas por motivos que muitos artistas estavam depois de singram a paranóia dos anos 70. Gastão fez uma exposição que não foi tão bem recebida pela crítica, principalmente até porque a crítica possuía dificuldades em



Gastão Manoel Henrique junto de um dos seus relevos em madeira

saber por que Gastão tinha passado para a figura — fugindo da tradição da escultura culta brasileira — e até mesmo pela construção cenográfica das peças, figuras de madeira, praticamente colocadas numa sugestão de palanque. Com o adendo que em tais obras misturavam-se o retângulo da tela com as figuras, como se elas estivessem postas num dramático e expressionista relevo. Mas havia motivos para tal exposição: O sentimento do artista não conseguira manter-se neutro diante do que foi a amendrontada taquicardia dos anos 70.

— A exposição de 1980 foi muito pouca pretensiosa. Era uma transposição de desenhos expressionistas, baseada na época política que tínhamos vivido. Era

mais uma ilustração da minha indignação. Eu não estava pensando em fazer arte, queria apenas deixar um depoimento. Eram, então, figuras grotescas, quase manequins. Eu estava querendo botar para fora esses fantasmas. Nestas duas exposições posso considerar que os trabalhos são, de fato, esculturas.

Esculturas que já receberam a doce frase de Clarice Lispector que disse que elas eram para ser olhadas com as mãos. Não foi uma daquelas magníficas frases de Lispector que arranea mistérios, onde a língua parece ainda não possuir nenhum. Na verdade, os trabalhos de Gastão são gostosos de tocar, sensíveis à mão que afaga a madeira encerada, com suas formas

ligeiramente onduladas. Uma sensualidade que o escultor retira da própria matéria, a madeira, que é diferente do ferro ou do mármore, matérias de dois outros grandes escultores, Sérgio de Camargo e Amílcar de Castro, artistas que Gastão tem o maior respeito.

A maioria dos atuais relevos de Gastão foram desenhados na década de 70, mas eram impossíveis de serem passados para a madeira, porque o escultor não possuía máquinas que pudessem realizá-los. Há um ano e meio, ele foi para a pequena cidade de Amparo, a 130 quilômetros de São Paulo e de ônibus, cinco horas, do Rio. Muitas vezes, nesta viagem. Gastão ficava desenhando alguns desenhos que podem ser considerados obras recentes, embora a matriz lógica e estética deles estejam nos trabalhos da década passada.

Em Amparo, cidade de 30 mil habitantes, com a ajuda do marceneiro Isaac Vasconcelos e trabalhando nas Oficinas Marson, Gastão pode passar seus desenhos para as formas escultórias. O artesão Isaac ficou deslumbrado com a possibilidade de poder construir uma peça diferente da outra e também pelas inúmeras dificuldades que cada uma representava. Fascinado, ficou só trabalhando com Gastão.

— Fui encontrar em Amparo — diz — um profissionalismo que não achei nas grandes cidades. Inclusive, uma seriedade que se poderia imaginar impossível numa cidade pequena, mas senti que lá realmente eu poderia executá-las.

Seus relevos são feitos em madeira mogno, tratada com bicromato de potássio que acelera a oxidação da madeira, deixando-a escura e invulnerável à umidade do ar, típica da madeira. Gastão usa também cera que é uma proteção, também isto devido à absorção de umidade que a madeira deglute. Ambos tratamentos não possuem nada de estético, mas são funcionais devido às características do material. Este conhecimento prévio, como Sérgio de Camargo tem em relação ao

mármore na sua captação de luz, desdobra-se no fato poético, que são as suas esculturas. São prismas e pirâmides cortados e, alguns, insinuando um leve desmanchamento como se os prismas fossem de areia e uma onda do mar deslizasse por cima, cortando-os de forma ondedada. Daí, que na contenção expressiva do vocabulário construtivo que o artista usa, existe esta saída lúdica, acariciante, uma melodia em cima da madeira.

Um escultor que pertenceu ao movimento Dada, Arp, pode ser lembrado como também o romeno Brancusi. Mas Arp, Gastão o conheceu quando, em 1958, colocou os pés na estrada em direção a Paris. Lá foi morar, por sorte, na oficina do gráfico que fazia os silkscreens de Arp, Vasarelli e Herban. E um dia conheceu o ateliê do artista, ganhou duas serigrafias e a lição inesquecível de que o trabalho de Arp possuía uma força poética, junto de uma elaborada construção de formas. Quando voltou ao Brasil dois anos depois, foi Scliar, cuja obra não lhe influenciou, mas, sim, a sua personalidade:

— Meu encontro com o Scliar foi fundamental. Ele foi um sujeito que deu força a todo mundo. Ele é um dinamo. Basta ficar conversando com ele que logo você tem vontade de pintar. Depois, Scliar procurou sempre fazer com que o artista se respeitasse como tal. Foi ele que me apresentou ao Franco Terranova e fiz, então, minha primeira exposição.

E por que a madeira? Gastão desde menino vivia apanhando-as nas ruas para fazer assemblages. O pai, Elmano Henrique, amigo da geração dos modernistas de 22, era um artista, cenógrafo de teatro e pintor de cartazes de cinema, numa época em que se fazia um por semana: "Vivi, desde criança, sentindo, de perto, o cheiro da arte", lembra o artista.

WILSON COUTINHO